

Na luta da PT Constituinte

ENCARTE



João R. Ripper

Um ANO DE TRABALHO...

DURANTE UM ANO DE MUITA LUTA NO CONGRESSO CONSTITUINTE', ONDE MILHARES DE TRABALHADORES ESTIVERAM PRESENTES, LEVANDO SUA MANIFESTAÇÃO PARA EXIGIR A GARANTIA DE SEUS DIREITOS; O PARTIDO DOS TRABALHADORES DESEMPENHOU PAPEL FUNDAMENTAL PARA BUSCAR UMA CONSTITUIÇÃO MAIS PRÓXIMA DAQUILO QUE O POVO BRASILEIRO ACREDITAVA QUE PODERÍA ACONTECER.

NÃO SERIA FACIL. MAS TAMBÉM, NÃO ERA IMPOSSÍVEL, PRINCIPALMENTE DEPOIS DAS PROMESSAS FEITAS PELA NOVA REPÚBLICA. HOJE, DEPOIS DE DURAS BATALHAS ONDE CONSEGUIMOS ALGUNS AVANÇOS NA COMISSÃO DE SISTEMATIZAÇÃO, A MAIORIA CONSERVADORA E REACIONÁRIA, RESOLVE COLOCAR TUDO POR ÁGUA ABAIXO. NESTE SENTIDO, A MOBILIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA PARA PRESSIONAR, DE FORA PARA DENTRO, CADA PARLAMENTAR E O CONGRESSO CONSTITUINTE COMO UM TODO, É FUNDAMENTAL PARA QUE O POVO BRASILEIRO VEJA ESCRITO SEUS INTERESSES NA NOVA CONSTITUIÇÃO. É ISTO O QUE ANALISA O NOVO PRESIDENTE DO PT, OLÍVIO DUTRA, APOÓS UM ANO DE TRABALHO NO CONGRESSO CONSTITUINTE.

pt saudações

...E A DIREITA TIRA SUA MÁSCARA

O PT chegou ao Congresso Constituinte bem preparado. Foi o único partido que apresentou dois projetos completos. Um era para o regimento Interno do Congresso e outro, o da Constituição. Como foi a recepção destes projetos?

Foi com desconfiança da direita, como não poderia deixar de ser. Os capitalistas, os patrões e alguns setores que se dizem progressistas não aceitaram nossas propostas, de outro lado, contamos com a simpatia de alguns setores identificados com o campo popular. Mesmo assim, não adianta contarmos somente com a simpatia de nossos colegas. Tivemos que trabalhar muito para conseguirmos o que está neste projeto de Constituição. Temos que contar com estes votos na hora decisiva. É importante lembrar que estes projetos apresentados pelo PT serviram de base para as discussões levantadas por nós, realmente do campo progressista. Principalmente quando se discutiu o regimento interno do Congresso, pois nosso projeto dividia as responsabilidades da Presidência e mesa com o restante do plenário.

O Partido sabia que iria enfrentar os "leões" do Congresso. Sabia também que tinha a simpatia de vários parlamentares de esquerda, como é o caso dos PCs e PSB, além de alguns progressistas do POT e, até certo ponto, do FM36. Como foi o desempenho do bloco progressista neste período de trabalho?

Este troço de leões do Congresso... O PT também tem os seus. O que nós encontramos lá foram cobras criadas. Para enfrentá-las, colocamos nossas pernas e fomos com todo o cuidado para não nos manearmos nelas. Os leões que estavam lá são velhos e desdentados. Alguns deles têm o urro mais forte que a própria pata. O certo é que o Congresso é composto por gente eleita num processo em que o poder econômico predominou; as máquinas e mecanismos tradicionais de angariar o voto influíram enormemente neste composição e por isto a Constituinte tem corte conservador. E quer impedir as mudanças já incluídas no projeto. Para mudar isso, a sociedade brasileira tem que se organizar ainda mais e aumentar a pressão, de fora para dentro do Congresso para conseguirmos uma Constituição mais próxima daquilo que pretendemos. Sem ter ilusão, a Constituição ideal não sairá desta Casa. Nós trabalhamos bastante, com o apoio das massas de trabalhadores, se quisermos avançar, temos que contar, ainda mais, com este apoio.

De maio a setembro de 87, o PT foi às ruas para pedir eleições diretas. No final dos trabalhos da Comissão de Sistematização, definiu-se as diretas para este ano, 88. De quem foi esta vitória?

Foi de todos. Fundamentalmente do povo, que está há mais de 28 anos sem eleger, pelo seu voto, o nosso Presidente da República.

Foi uma vitória dos movimentos populares, do movimento pró-participação popular na Constituinte, do campo progressista do Congresso e do PT. Mas esta vitória precisa ser confirmada. Ela depende do plenário votar favoravelmente por eleições diretas em 88.

Para isso é preciso o quê?

Ora, é preciso haver mobilização popular, conscientização popular, continuar a campanha pelas eleições diretas, como já aconteceu em São Paulo, no Espírito Santo e no Rio de Janeiro. Nós temos que estar com a campanha nas ruas, denunciando todos os ataques contra o povo brasileiro, como os cruzados do Sarney, a inflação de mais de 300 por cento, com as farsas políticas implantadas no país. E preciso também se preparar para enfrentar as eleições diretas, com um programa de governo, em plano alternativo para solucionar, do ponto de vista popular, esta crise? Além de nos prepararmos, política e ideologicamente, com vistas à estratégia maior da classe trabalhadora, que é a construção de uma sociedade socialista.

Durante as reuniões da bancada, a análise concreta da conjuntura e a definição das estratégias para as sessões do Congresso, já no encontro nacional, a candidatura de Lula à presidência da República foi inevitável. E durante todo este ano, os trabalhadores ocuparam o gramado e a frente do Congresso, para pressionar os parlamentares na defesa de seus direitos legítimos.



Imagem

Paula Simas/F-4

Lu

André Dusek/Ag 1

Neste quadro o PT lança Lula como seu candidato à presidência. Como o partido se prepara para ter estas alternativas para o programa de governo?

O PT tem legitimidade, força e responsabilidade para ter uma candidatura própria no ano que vem, para as eleições presidenciais. E terá candidatos próprios para as prefeituras, em centenas de municípios do país. O PT vai ter um programa mínimo por trás destas candidaturas que estará ligado a um projeto maior do partido. E para este projeto maior, as forças progressistas também são convocadas para participar de sua elaboração. Queremos, com a candidatura do companheiro Lula, com o programa de governo popular, exercer o governo em nome do conjunto das forças progressistas no campo da esquerda, com clareza sobre o tipo

de sociedade que queremos construir no futuro. Sabemos que esta nova sociedade não será construída numa gestão, mas a passagem de um partido progressista a nível de um governo local, estadual e federal, tem que resultar na acumulação para o projeto maior do povo brasileiro.

Enquanto Secretário Nacional do PT, acompanhamos o trabalho do partido em todo o país. Se tivesse que voltar ao cargo, quais as alterações que proporia?

Eu não teria propostas de alterações a nível pessoal. No PT, o secretário geral, o presidente, tesoureiro ou qualquer outro componente com função designada dentro da Executiva, por mais importante que seja ou por sua boa intenção, trabalha sintonizado com o conjunto do partido. Eu acho que teríamos, em

quanto partido, numa quadra como a que enfrentamos, de oxigenar os canais de ligação entre a base e a direção, em todas as instâncias. Vemos diretórios do PT que não se relacionam com a base e que não estimulam a existência de núcleos ou debates permanentes. São diretórios exercidos pelo presidente, secretário e tesoureiro e alguns outros membros da executiva. Estes precisam conviver com a base e com o conjunto do PT. O PT tem 430 mil filiados em todo o país. Precisamos ampliar as filiações e aprofundar a participação dos filiados na construção do PT. Mas isto não é tarefa somente para o secretário geral. É de todo o conjunto do partido e para o próximo período, pretendemos implementar uma política de oxigenação da discussão interna, de desobstrução dos canais que ligam base e direção e até de criação de novos ca

nais de interação direção-instâncias e base.

As bancadas petistas na Câmara e nas Assembléias legislativas cresceram muito. E tu observastes como secretário geral todo este crescimento. Qual é a sua avaliação? E a partir disto, qual a perspectiva para a eleição do ano que vem?

O crescimento do PT é real e a gente quer que ele represente qualidade e não quantidade apenas. Somos contra o inchaço, o que significa que o companheiro filiado não é somente um levantador de crachá nas convenções. Ele é um formulador de política e para isso, tem que estar integrado aos núcleos, ao movimento social, sindical e popular. Por isso achamos que o crescimento do PT, a nível nacional, traz também muita responsabilidade.

O PT é a esperança dos setores explorados e oprimidos, do campo e da cidade. Nos, no ano que vem, através de eleições, vamos conquistar várias prefeituras. Acreditamos importante conquistarmos os governos municipais e até o federal, para através destas instâncias, construirmos o poder popular, visando a construção da sociedade socialista.

No Rio Grande, já fostes candidato ao governo, em 82, a deputado constituinte (votou toroso) em 86 e está sendo cogitado como sucessor de Alceu Collares. O que significa esta candidatura para o PT e para a população de Porto Alegre?

Eu sou apenas um dos candidatos dentro do partido. Existem outros companheiros, que são lideranças nos movimentos sociais que estão nesta relação de candidatos. Quem vai definir o candidato é a Convenção Municipal do ano que vem. Por enquanto, quero, junto com meus companheiros candidatos, contribuir para o Partido dos trabalhadores ser preferível. Quanto à candidatura do partido, é um enorme espaço de intervenção popular. O PT tendo um candidato próprio com um programa, uma unidade partidária, uma vinculação com forças progressistas junto com ele, passa a ser um canal enorme de educação e aprendizado político. A candidatura do PT à prefeitura significa a vinculação direta do governo municipal com os movimentos comunitários, sindical e popular. Temos, entretanto, clareza de que ao chegarmos à prefeitura, se já no município que for, não estaremos instalando um governo socialista. Não cometeremos esta imprudência, esta inverdade. Queremos, sim, que o PT possibilite a fiscalização popular, a participação popular nessa administração.

Fostes eleito com mais de 50 mil votos. Oitavo mais votado no Estado. A partir daí, como se estabeleceu a relação constituinte população? E das propostas que defende, quais foram apresentadas no Congresso que passaram?

É difícil estabelecer isto, mas sei que levamos ao Congresso Constituinte todas as reivindicações dos movimentos populares, sindical e comunitário, da CUT e das entidades realmente identificadas com os interesses populares. Nos batemos por elas, enfrentando todo o tipo de oposição até mesmo de partidos de esquerda. Mas sempre tivemos a intervenção política declarada de conversar com outras forças em cima de questões pontuais, para termos mais que os 16 votos da bancada petista nas propostas que interessam aos trabalhadores. Acreditamos que o PT desempenhou bem esta função e, particularmente, trabalhei na sub-comissão de Ciência, Tecnologia e Comunicação, levando propostas que significavam a democratização dos meios de comunicação de massa, a Educação pública e gratuita, fim de discriminação dos idosos e menores, melhorias para os aposentados e inúmeras outras. Os direitos dos trabalhadores também foram defendidos em todos os momentos, a questão da moradia e das Forças Armadas, como garantidora da nossa soberania, sem precisar se imiscuir na vida interna do país, foram alguns avanços importantes conquistados e algumas derrotas sofridas pela forte pressão da burocracia.

Durante a campanha, o PT definiu uma linha básica de compromissos amplamente identificada com os interesses populares. Neste período, teve que fazer algum acordo fora desta linha?

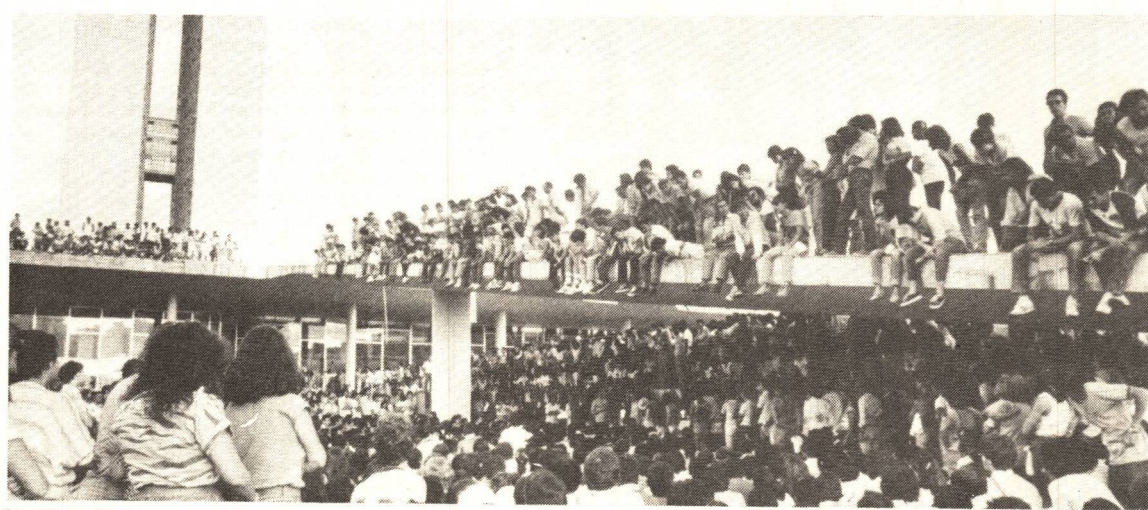
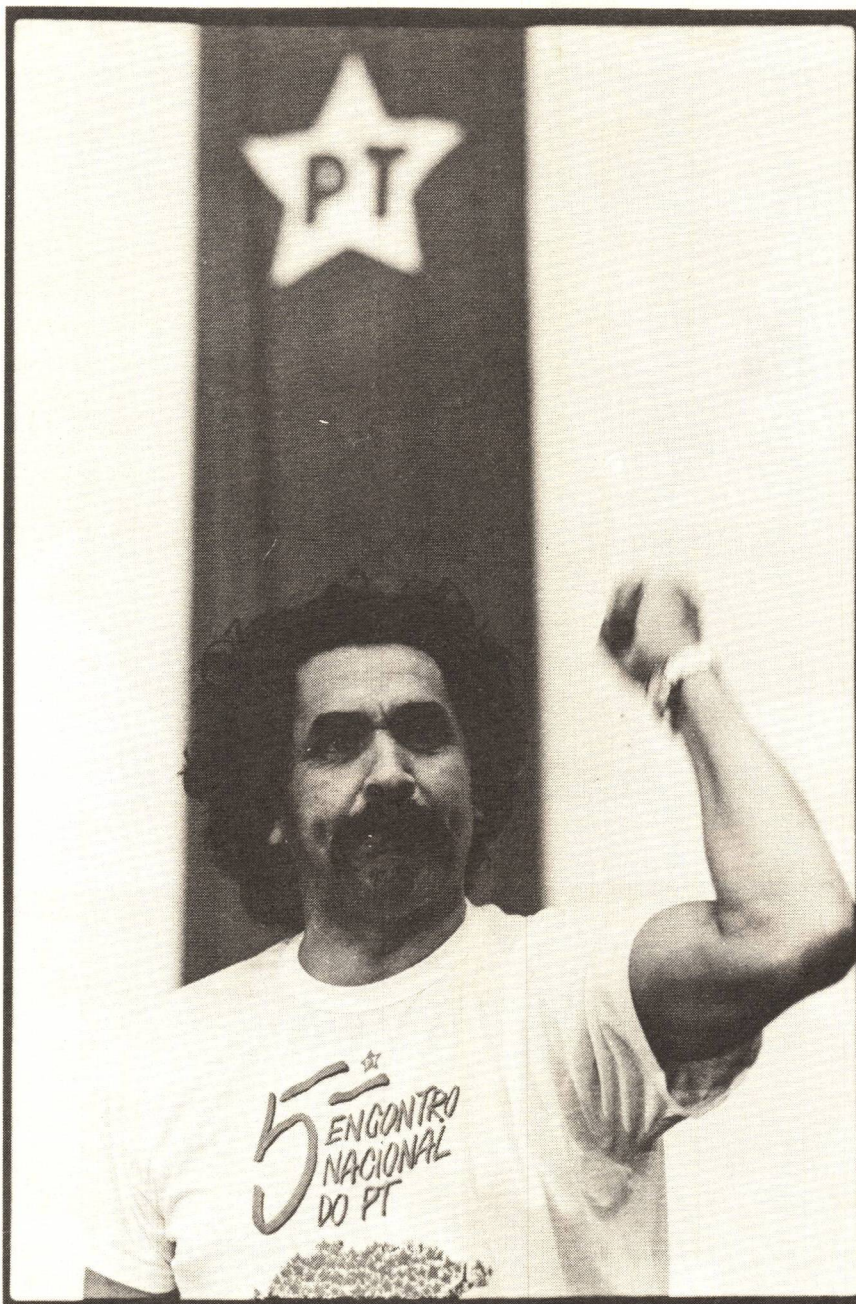
Não. O PT nunca pretendeu trabalhar isolado, ou ser o dono da verdade ou ainda, ser o Joãozinho do passo certo. Sempre estivemos identificados com as lutas sindicais, comunitárias e populares e em nenhum momento fizemos qualquer compromisso que modificasse nossa linha ou que violentasse nossa coerência. Acho também que nunca ditamos as regras para os movimentos que nos apoiam nessa caminhada.

E como foi a transformação de líder sindical em parlamentar constituinte?

Isto foi o resultado de um aprendizado que a classe trabalhadora vem tendo há muito tempo. Não é de hoje que um líder sindical passa a ter representação política maior que sua categoria, ou no movimento sindical. Em outras quadras da história, outras lideranças da luta social, da luta operária, chegaram ao Congresso. Chegamos ao Congresso tendo a certeza que não é aqui que os trabalhadores solucionarão seus problemas, mas temos clareza que esta Casa é uma trincheira importante onde os trabalhadores devem levar sua luta. Achaamos que somos o resultado de um amadurecimento da categoria dos bancários, não só do meu estado, mas do país, mas também somos resultado do amadurecimento político da classe trabalhadora. Por outro lado, os trabalhadores precisam amadurecer ainda mais, para, nas próximas eleições, não repetir o que aconteceu em 86, quando se fez inúmeras reivindicações e acabou-se votando nos candidatos com promessas com os interesses da burguesia, dos capitalistas e dos patrões. E amadurecer muito mais para outras batalhas além das eleições locais e parlamentares.

E agora, para o próximo período, quais são as prioridades para o seu trabalho, como Constituinte e para o PT?

A Constituinte enfrenta uma questão séria. O "centrão", que nada mais é do que a direita, quer interromper os avanços conseguidos até agora. Não são muitos. Não foram lá grã de coisa. Conseguimos alguns avanços significativos e relativos no plano social, no direito dos trabalhadores, na ordem econômica, na organização do Estado, dos partidos. Mesmo assim, não podemos dizer que o país, vai ter uma transformação radical. Estes avanços colocaram as elites tradicionais, retrógradas, reacionárias e de direita, em prontidão para impedir a ratificação no plenário. Temos que enfrentar este desafio, responsabilidade que tem que ser dividida com o povo mobilizado nas ruas, nos sindicatos, em todos os lugares. Nós deveríamos estar em greve contra as manobras da direita, do patronato, da Associação Brasileira em Defesa da Democracia, UDR, Autolatina, União Brasileira de Empresários, contra as medidas do governo. Teríamos que estar em greve para garantirmos que a Constituinte não recue. Que ela avance. Não basta nos manifestarmos isoladamente. Temos que promover mobilizações coletivas e isto significa responsabilidade, participação na elaboração do futuro de nosso país. Este é o grande desafio para o meu trabalho, para o PT e para todo o povo brasileiro.



Depois do golpe do "Centrão", ou melhor, da direita, Brasília terá que se acostumar com cenas como a do lado, pois os trabalhadores não estão dispostos a jogar fora uma oportunidade tão preciosa para definir o início da transformação da sociedade.

Luis Marques/CB

Boletim informativo do gab. do dep. constituinte Olívio Dutra resp. Alvaro B. Júnior - DRT.SP 14.955
Contatos e informações - 061-224-0403 - Praça dos 3 Poderes
Gabinete 372 - Anexo 3 - BRASÍLIA - CEP 70.160